

# Os guarda-chuvas cintilantes

*Diário*

## Cadernos I

*Teolinda Gersão*

Da minha língua vê-se o mar.  
*Vergílio Ferreira*

SEXTANTE EDITORA  
FICÇÃO



*Domingo, um.*

A pequena cúpula dos dias. Redonda, curvada, transparente. O grande céu vazio por detrás, um céu inventado, que por vezes se manchava de azul cinzento ou negro, conforme mudava o vento e a infindável constelação das coisas.

As estações bem diferenciadas, naquela latitude, a roda do ano girando sobre a sua cabeça, as folhas, os pássaros, as árvores, o céu, as cores, a chuva –

Os guarda-chuvas, lembrou-se. Num sonho ela roubava guarda-chuvas: Um deles estava plantado no meio da rua, por entre tábuas pintadas às riscas brancas e vermelhas, sinalizando obras, iluminadas por pequenos lampiões de lata, e ela roubava-o, molhando os pés em poças de água, deixando-se salpicar de lama pelos carros que passavam velozmente no asfalto e no último instante inflectiam, rápidos, à direita, para não a atropelar. Era um risco de morte que corria, soube, sem se importar, estendendo a mão, mas no momento em que ia apanhá-lo um carro bateu contra eles e atirou-os ao ar, em estilhaços confusos, e agora ela caminhava pela rua, perseguindo outro guarda-chuva, com ar indiferente de

quem pensa noutra coisa, mas pronta a estender a mão e a fisgá-lo no primeiro momento em que ele se distraísse – mas também ele tinha consciência dela, notou, oscilava, cauteloso, para um lado e para outro, olhando sub-repticiamente para trás – e agora escapulia-se, de repente, num vão de porta, ela não chegava sequer a tocar-lhe, embora estendesse depressa os dedos –

E agora é outro que pouisa, suavemente, ao pé. Rodando devagar sobre si próprio, como se a provocasse, com um silvo rápido, quase inaudível, um sopro, um pequeno som animal, como um leve bater de asas.

Avançou um passo, fingindo não o ver (é de seda, de vidro, de papel de prata, ilumina-se como uma abóbada, um vitral, conforme lhe dá o sol ou lhe bate o vento), estou no vão de uma porta, entre duas vitrinas com espelhos, meto as mãos nos bolsos da gabardina e finjo não o ver (um gato apanhando um pássaro, penso, um gato que fecha os olhos para se tornar invisível, julgando que o pássaro não o verá se ele deslizar, pé ante pé, sem abrir os olhos, com gestos de veludo, dissimulando o movimento, o corpo tenso, mecânico, sem pensamento algum, apenas um feixe de reflexos, como que movido por uma mola interior),

desliza até ficar quase a meu lado, recua um pouco agora, roda sobre si mesmo – uma tartaruga andando, uma tartaruga alada que levanta voo se eu me aproximar – apanho-o de repente e ele desfaz-se, fica na minha mão como uma massa informe, escura, um monte de folhas desmanchadas.

*Sábado, três.*

A primeira chuva. Serena, ligeira, matando uma qualquer saudade dentro dela. Levantar a cabeça, como uma árvore levantando as folhas. A chuva esperada, pelo Verão adiante, secretamente esperada, dentro de si mesma. Ver as janelas bater, sob o vento do Verão, encostar melhor as portadas de madeira, prendendo o ferrolho ao alto, olhar de relance o pequeno largo da aldeia, encharcado de sol, vazio no calor da tarde, e saber que a chuva voltaria, desejá-la com força, como se ela aliviasse a tensão do seu corpo – uma chuva leve em que todos os seus membros se distenderiam, despertos, vivos, mas tão suaves e relaxados como se estivessem dormindo, tudo ficaria de repente tão perto como se a chuva trouxesse todas as coisas e as deixasse, reluzentes, molhadas, luzidias, ao alcance da mão e se restabelecesse o contacto, a profunda harmonia entre ela e o mundo – uma harmonia difícil, instável, porque ela insistia sempre em viver com rigor, com uma atenção que não afrouxava nunca, mesmo quando dormia – o rigor, por exemplo, com que domava ou desmanchava os sonhos, obrigando-se a lembrá-los, obrigando-os a saltar por dentro de arcos incendiados, as flores imaginadas formando finalmente um ramo, as flores de sombra, de sol, de areia, domar o vento, aprender a cavalgar o vento, pôr um risco de azul a contornar o mar, a dura acrobacia do seu corpo, ao mesmo tempo solto e geométrico, os difíceis exercícios interiores, os saltos mortais de olhos vendados, sobre um fio de arame estendido entre possível e impossível,

*Segunda, catorze.*

Esse ano demorou-se um só dia, e fugiu que nem um pássaro, pela janela entreaberta.

(Muitas vezes, depois, ela se haveria de arrepender de ter deixado a janela mal fechada).

*Quinta, oito.*

Abriam-se de repente como se explodissem, ela ficava um pouco assustada, como se uma espingarda disparasse na sua mão, outros tinham o fecho estragado e não abriam nem havia para eles nenhum milagre possível,

havia também os dias articulados, desdobráveis, que acrescentavam ao seu tamanho palmos sucessivos, e quando bem dobrados se podiam guardar outra vez na carteira, como um leque ou um lenço, diziam,

mas não era verdade, ela pelo menos nunca os conseguia usar segunda vez, já pensara em formas de os aproveitar melhor, mas nenhuma se revelara praticável, era preciso viver assim, deitando fora, ou pondo de lado e não usando mais,

que pena, pensou, fazendo girar entre as mãos o guarda-chuva agonizante, que pena, disse, porque era bonito, fora bonito, com círculos castanhos que lembravam folhas e estavam de acordo com aquele tempo claro de Outono. Mas era sempre assim, perdiam logo a cor e ficavam transparentes, as varetas dobravam, a seda encarquilhava, rasgava, diminuía de tamanho e ficava nas suas mãos como uma massa gelatinosa, inconsistente.

Gostaria de fotografar os especialmente belos, guardar a sua luz, a memória da sua luz, mas nas fotografias ficavam sempre tão diferentes, nada era mais falso do que as fotografias, por vezes ela tentara transferir a luz de uns para os outros, e eles pareciam animar-se de novo, sob essa luz transferida, por vezes pareciam mais belos do que nunca, como se a verdadeira luz fosse essa, a que sobre eles se projectava – descobria-lhes cores que não vira na altura, desenhos que só agora se revelavam e antes tinham permanecido invisíveis, ou ela não soubera olhar – mas não podia usá-los mais, e agora de qualquer modo não adiantava saber isso.

Era falso que durassem, disse, apagavam-se como lâmpadas, só uma vez, uma única vez ardia cada um e logo explodia, implodia, abatia-se sobre si próprio, farrapos de seda arrastando no chão, espalhados em torno de um cabo amolgado –

Outras vezes uma fileira de guarda-chuvas pretos corria atrás dela, perseguindo-a, ou formava na frente uma parede itinerante, que nunca acabava de passar – mas era falso também, porque eles estavam parados e era ela quem corria atrás, e era culpa sua quando só escolhia guarda-chuvas pretos, não poderia queixar-se, sabia, até porque secretamente os achava fascinantes, fosforescentes como asas de corvo, ligeira (ou profundamente) assustadores. Mas também o medo a excitava, exaltava –

*Domingo, vinte e três.*

Nesse dia sobraram-lhe duas horas e ela guardou-as para o dia seguinte. Sempre que calhava fazia assim uma

pequena economia, que deixava para utilizar noutra altura em que se visse mais aflita. Era também um modo de adiar envelhecer, adiava sempre, somando essas economias casuais já tinha vários anos na gaveta. Se um dia precisasse, gastá-los-ia de uma vez. Mas secretamente esperava não precisar nunca.

Poderia viver milhares de anos se gastasse apenas alguns segundos por dia, calculou. Mas não gostava de privações nem do esforço de economizar. E havia modos mais inteligentes de segurar o tempo. Jogando com os fusos horários, por exemplo: andando para leste, ganhavam-se horas, a certa altura ganhava-se um dia; mas andando a uma velocidade 365 vezes maior ganhava-se um ano, e assim quando ela quisesse daria vertiginosamente várias voltas à Terra e andaria vários anos para trás.

*Sexta, doze.*

Do outro lado eram guarda-sóis. Abertos, largos, com as cores do Verão.

Ela dizia guarda-chuvas por hábito, por convenção, ou mesmo por moda, porque no país onde vivia as pessoas usavam guarda-chuva, mas nunca guarda-sol, abrigar-se do sol tornara-se obsoleto e seria provavelmente considerado ridículo.

Assim, quando ela falava em guarda-chuvas queria dizer ao mesmo tempo guarda-sóis, do mesmo modo que, se falasse em guarda-sóis, queria dizer ao mesmo tempo guarda-chuvas.

Porque há sempre dois lados nas coisas, cada uma é também sempre o contrário de si própria.